

Embaixador ganhou fama de agressivo

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Jório Dauster, o negociador da dívida externa da ministra Zélia Cardoso de Mello, nunca foi um homem muito querido pela chamada comunidade financeira internacional. Até porque é praxe, entre os banqueiros que negociam a dívida, não gostar de negociadores de países do Terceiro Mundo. É uma espécie de tática na discussão, da qual faz parte a disseminação pela imprensa de informações protegidas pelo manto do anonimato, questionando a capacidade intelectual e às vezes até moral de um negociador.

A intenção é, sobretudo, a de desacreditar o representante de um governo junto ao ministro, a outros banqueiros e ao público. Mas no caso de Dauster, este ódio natural foi aguçado por alguns outros fatores. O primeiro deles é que o diplomata foi o porta-voz de propostas de reescalonamento da dívida brasileira que não apenas eram inteiramente novas aos ouvidos dos banqueiros privados como também lhes soavam de modo agressivo. Afinal de contas, nenhum banqueiro gosta de ouvir que seu devedor tem limites na capacidade de pagamento da dívida, conceito defendido por Dauster com paixão.

Ele se manteve fiel à promessa — acordada entre o governo e os banqueiros mas nunca respeitada por estes últimos — de não vazar informações apócrifas para os jornalistas e, sobretudo, a de não entrar em bate-boca com os banqueiros pelos jornais. “Precisamos mudar este comportamento que marca toda e qualquer discussão sobre a dívida. Não vou negociar o reescalonamento do nosso débito pelos jornais e principalmente não vou lhes passar informações apócrifas”, insistia ele.

Ao seu natural grupo de desafetos entre os banqueiros juntou-se, a partir do final do ano passado, um nome poderoso: o subsecretário do Tesou-

ro, David Mulford, que reprovava o estilo de negociação do embaixador da dívida. Nenhum de seus desafetos exigia a sua saída, mas não deixavam de insinuar que ela poderia ser benéfica para todos os lados. Empresários americanos com interesses no Brasil e homens de negócios brasileiros começaram a pressionar o governo americano, do Tesouro ao escritório comercial da Casa Branca, para sugerir ao governo Collor que para o país seria melhor encontrar um novo negociador.

Marcílio — que como seu novo negociador da dívida, Pedro Malan, nunca escondeu a admiração por Dauster, embora contrário ao seu estilo — insistiu para que ele permanecesse no cargo, como uma deferência ao diplomata. Garante uma fonte que acompanhou de perto a queda de Dauster que o novo ministro preferia que ele saísse por conta própria.

Havia o medo de que a negociação sobre o reescalonamento do principal da dívida brasileira ficasse empacada em torno de irritações pessoais entre Dauster e os banqueiros. O diplomata também percebeu que era melhor ir embora, garante uma fonte da capital americana. “Ele achou que, àquela altura, já não teria mais nada a contribuir neste processo e que era melhor abrir o caminho a outros”, afirma. O embaixador Dauster, pelo telefone de Brasília, definiu sua saída de outra maneira — e com extrema elegância.

“Existiu animosidade entre mim e os banqueiros no começo do processo de negociação”, disse ele. “Mas depois, acho que nossa relação começou a se basear em respeito mútuo e hoje deixo o cargo inclusive vendo alguns banqueiros com simpatia.” Dauster queria voltar ao Itamarati, principalmente depois que o ministro Francisco Rezek lhe ofereceu a representação brasileira na Comunidade Econômica Européia, em Bruxelas.

“Além disso, eu acho que, nas negociações da dívida, um ciclo, o da renegociação dos atrasados, se fechou. Portanto, não deixo meu trabalho incompleto”, afirmou. Entre os banqueiros, que durante meses terçaram espadas com Dauster, ninguém queria ontem comentar o assunto — prova de que o embaixador deixou uma saudável herança nas relações do Brasil com os bancos privados internacionais: a diminuição das focas em torno da negociação da dívida externa.